



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS SOCIOFILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

MARIA CLARA MARQUES IZIDIO

**A PRODUÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DE  
SUJEITOS NA ESCOLA MODERNA: Da  
disciplina ao neoliberalismo**

Recife

2024

MARIA CLARA MARQUES IZIDIO

**A PRODUÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS  
NA ESCOLA MODERNA: Da disciplina ao  
neoliberalismo**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade Federal de  
Pernambuco, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Aprovado em: 13/03/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Raphael Guazzelli Valerio (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Liliane Maria Teixeira Lima de Carvalho (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Luciana Calado Rodrigues (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

IZIDIO, MARIA CLARA MARQUES.  
A PRODUÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS NA  
ESCOLA MODERNA: DA DISCIPLINA AO NEOLIBERALISMO /  
MARIA CLARAMARQUES IZIDIO. - Recife, 2024.  
27

Orientador(a): RAPHAEL GUAZZELLI VALERIO  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação,  
Pedagogia - Licenciatura, 2024.  
10.

1. Educação. 2. Formação Humana. 3. Neoliberalismo. 4.  
Subjetivação. 5. Disciplina. I. VALERIO, RAPHAEL GUAZZELLI.  
(Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

## **AGRADECIMENTOS**

A vida é repleta de atravessamentos e muitas pessoas nos ajudam a construir o nosso caminhar. Não estamos sozinhos, por isso tenho apenas a agradecer a quem estava comigo durante toda essa construção. Dedico e agradeço a minha mãe, Linda Maria Marques (em memória), que me motivou no caminho da docência, sendo minha maior inspiração. A meu pai, Manoel Izidio, por todo o suporte durante esse processo. A minha tia Eliane Maria, por sempre estar ao meu lado. As minhas avós, Consuelo Maria (em memória) e Estefânia Maria, por tantos ensinamentos e por sempre me mostrarem que eu consigo. Ao meu irmão Jairo Izidio, por ser meu apoio, o meu colo, a minha cura, meu conselheiro e, sobretudo, meu amigo e também aos meus irmãos Vinicius Marques e Fernanda Izidio, por segurarem as minhas mãos em todos os momentos. Ao meu cunhado, Fernando Medeiros, por todo apoio e incentivo. A minha prima/irmã Williany Lima e Weydi Consuelo, por sempre caminharem junto a mim, aos meus tios e tias: Kaki, Lu, Celia, Ricardo, Ione, Elaine e a toda minha família que foi o meu apoio e meu alicerce nessa jornada.

Agradeço e dedico também aos meus amigos, Joseildo Souza, por me acompanhar em cada etapa desse processo com a sua leitura atenta e sensível, segurando a minha mão e sendo a minha cura e calma, Valdir Junior, pela leitura atenta e por somar em todos os momentos, assim como todos e todas amigas da vida, Maria Clara Arruda, José Rivaldo Domingos, Mayara Marcia, Alice Vitor, Alana Lívia, Rayanne Correia, Débora Marlânia, Julia Laís, Dayane Maria e Julia Gomes, que fortaleceram a minha caminhada e me motivaram a concluir esse trabalho de conclusão de curso. Agradeço também a meu orientador e amigo Prof. Dr. Raphael Guazzelli Valério por todo apoio, incentivo, pela leitura atenta e por somar tanto na minha caminhada pessoal e acadêmica. Sou muito grata ao GPAH e a todas as pessoas que formam esse grupo de estudos massa, vocês foram importantes demais na construção desse trabalho. Agradeço a todos professores e professoras Ana Cristina, Ozenilda, Reginete, Raylane Navarro, André Ferreira, Valéria Costa, Paulo Julião, Evelyne Medeiros, que

me formaram nas diversas instituições que passei, vocês me incentivaram e me inspiraram a seguir no caminho da educação. Sou muito grata a Deus e a toda espiritualidade e ancestralidade, a quem guia minha vida (minha mãe Yansã e minha mãe Oxum e a todo povo de jurema) que sustentam e abrem nossos caminhos e ajudam a caminhar a Severino Lima (Babalorixá) e a Seara Mãe Zuleide por me darem todo suporte e incentivo cuidando da minha espiritualidade durante todo processo.

Esse trabalho reverbera muito de quem eu sou e muito do que aprendi na minha vida pessoal e na minha trajetória acadêmica, ele marca o fim de um ciclo e o início de outro.

# A PRODUÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS NA ESCOLA MODERNA: DA DISCIPLINA AO NEOLIBERALISMO

Maria Clara Marques Izidio <sup>1</sup>  
Raphael Guazzelli Valerio <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo, busca compreender como as formações dos sujeitos passam a ser modificadas de acordo com as mudanças sociais e como a escola atua em cada uma delas. Nesse âmbito, o objetivo desse artigo é analisar a produção de sujeitos com a passagem da escola moderna inserida na sociedade disciplinar, para a sociedade do controle, em um contexto neoliberal com base em obras de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter teórico e bibliográfico e o procedimento utilizado foi a análise de conteúdo. A partir da pesquisa concluiu-se que na transição da sociedade disciplinar para a sociedade do controle a ideia de formação oferecida pelas diversas instituições, com destaque para a escola muda e quem antes formava o operário hoje passa a formar o empreendedor de si mesmo.

**Palavras-chave:** Formação Humana; Disciplina; Controle; Educação; Subjetivação; Neoliberalismo

## THE PRODUCTION AND SUBJECTIVATION OF SUBJECTS IN THE MODERN SCHOOL: FROM DISCIPLINE TO NEOLIBERALISM

### ABSTRACT

This article aims to understand how the formation of individuals is modified according to social changes and how the school acts in each of these changes. In this context, the objective of this article is to analyze the production of subjects in the transition from the modern school embedded in a disciplinary society to a society of control, within a neoliberal context, based on the works of Michel Foucault and Gilles Deleuze. This is a qualitative research with a theoretical and bibliographical character, and the method used was content analysis. Based on the research, it was concluded that in the transition from disciplinary society to the society of control, the idea of formation offered by various institutions, with an emphasis on the school, changes, and what once shaped the worker now shapes the entrepreneur of oneself.

**Keywords:** Human formation; Discipline; Control; Education; Subjectivation; Neoliberalism

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: mariaclara.izidio@ufpe.br

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: guazzellivalerio@hotmail.com

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 2005, p. 43-44).

## 1. INTRODUÇÃO

O surgimento da modernidade traz consigo um novo contexto político, a formação dos Estados absolutistas, onde o poder é centralizado através da instalação de aparelhos mais regulativos e burocráticos. Ele é marcado pela criação dos Estados Nacionais e pela chegada dos europeus nas Américas, é nesse período que, a partir do século XVI, surge a ideia de modernidade tradicional, ocorrendo o nascimento das culturas nacionais, nas quais os homens saem do teocentrismo para o antropocentrismo, ou seja, entram em um processo de racionalização do mundo que usa a razão para organizar a sociedade e também para explicar os seus fenômenos.

Assim sendo, com o decorrer dos séculos, emergiram novos ideais de formação humana, centrados no processo civilizador. Dentro deste contexto, ao considerar o referencial teórico deste Trabalho de Conclusão de Curso, destacamos Michel Foucault como sua principal influência científica. Por isso, utilizamos aqui o conceito por ele proposto de modernidade clássica, que tem sua origem a partir do século XVIII e é marcada pelo aparecimento do capitalismo industrial, o qual começa a modificar as formações humanas devido às mudanças nos contextos sociais.

Nesse contexto de modernidade clássica, cria-se um ideal de homem a ser formado e as instituições presentes no Estado: escola, igreja, exército, manicômio, fábrica, entre outras, são responsáveis por essa formação. Inicialmente, elas incutiam nos sujeitos os sentimentos de culpa e vergonha, como observado por (Elias, 1994), levando-os a acreditar que a incapacidade de se adequar à disciplina impostas por essas instituições era uma falha individual, conforme elucidado por (Foucault, 2008). Assim, na sequência, era criada uma hierarquia para classificar aqueles que se adaptam às exigências disciplinares e aqueles que não. Posteriormente, ocorria o processo de autocontrole, no qual a disciplina já estava internalizada no indivíduo, fazendo assim com que

gradualmente seu corpo se tornasse dócil, conforme discutido por Pagni (2010).

Para compreendermos melhor como chegamos a essas instituições, é preciso destacar que o projeto de formação humana no Ocidente buscou estabelecer uma clara separação entre natureza e cultura. Essa distinção visava separar a vida animal da vida humana. Nas sociedades ocidentais o ideal de civilização estava ancorado, segundo (Elias, 1993, p. 193), ao controle dos comportamentos selvagens, nos quais “as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de vergonha”. Os indivíduos não podiam mais viver segundo seus costumes e suas tradições, uma vez que lhes era imposto um novo modo de vida. Logo, passaram a seguir regras e comportamentos que são ditados para as vivências em sociedade. Por isso, instituições como escola e exército, são tão importantes para a modernidade, pois elas buscam construir essa disciplina do corpo.

Ademais, vale salientar que esse estudo é continuidade de uma pesquisa prévia, orientada pelo Professor Dr. Raphael Guazzelli Valério<sup>3</sup>, desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) 2020-2021, com duração de 01 ano, tendo como título *Modernidade Ocidental, formação humana, biopolítica e autocontrole dos corpos*. Nela procuramos entender como as mais diversas instituições vão se espalhando por todo corpo social, de modo que a disciplina do corpo seja feita desde a mais tenra idade. De tal modo que: na escola, o/a estudante é produzido e moldado tornando-se um corpo apto e útil para o trabalho; na segurança, o exército mantém o corpo sob intensa disciplina para obter maior rendimento da tropa; no hospital, o doente recebe cuidados necessários para voltar a sua utilidade social; e no manicômio, uma pessoa louca é mantida em um lugar restrito que o mantenha afastada de sua vida social.

---

<sup>3</sup> Professor efetivo do Centro de Educação - Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação - da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Filosofia, História e Educação, com ênfase em Filosofia Política, Filosofia da História e Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Biopolítica, Pós-Estruturalismo, Teoria e metodologia da História e das Ciências Humanas, Neo-marxismo italiano e Crítica do Neoliberalismo. Autores de referência: Agamben, Foucault, Negri, Laval, Dardot, Berardi, Virno.

Delimitando o nosso objeto de análise nesta pesquisa, buscamos trazer como foco a escola, uma instituição que vai buscar domesticar o corpo dos indivíduos desde a mais tenra idade. Os/as docentes muitas vezes acabam reproduzindo essas técnicas de disciplina sem se darem conta, por meio de diferentes ações, por exemplo, ao fazer as filas em certas atividades, querer salas silenciosas organizando as carteiras enfileiradas para impedir que os estudantes possam conversar. Isso expõe como a escola é responsável pela produção do corpo disciplinado. Diante disso, levando em conta os objetivos que nos norteiam, optamos por adotar uma pesquisa de caráter bibliográfico, que permite fazer uma análise mais aprofundada, baseada em autores que se debruçaram sobre a compreensão dos contextos sociais que disciplinam e controlam os corpos, a exemplo de Michel Foucault e Gilles Deleuze.

Primeiramente, buscamos compreender como ocorre o funcionamento de uma instituição disciplinar. Para isso, foram utilizados os estudos de Michel Foucault na obra *Vigiar e Punir* (1987), na qual ele demonstra as técnicas disciplinares que buscam construir um corpo educado e obediente que atenda às necessidades das fábricas em um contexto industrial. Em um segundo momento, vamos caracterizar as técnicas utilizadas pela escola para a construção dos corpos dóceis, tais como a fila, o exame, a classificação dos estudantes, bem como falaremos da produção do indivíduo no espaço escolar dentro da sociedade neoliberal. E, por fim, nossa análise se volta para a compreensão das diferenças e semelhanças da escola moderna numa sociedade disciplinar e em uma sociedade do controle, baseado nos estudos de Deleuze (1992). Esse autor discute que dentro de um contexto da modernidade tardia, que entendemos ser a sociedade neoliberal, busca-se produzir um outro tipo de sujeito.

Logo, nossa pesquisa procura compreender, a partir de que momento acontecem essas mudanças de formação do sujeito e como a escola é utilizada para que essa produção e subjetivação aconteça. Para isso, tentamos estender a contradição que a escola representa nesse cenário, uma vez que ela deveria ter como foco a formação humana integral, mas acaba servindo de base para a produção de capital humano, dócil, útil e subjetivado. Diante disso, também impulsiona o nosso propósito científico analisar como ocorre a produção de

sujeitos na escola moderna da sociedade disciplinar à neoliberal. Dessa forma, considerando as inquietações já listadas, emerge a problemática do trabalho: como disciplinas ou técnicas de governo que controlam e moldam o corpo passam a se desenvolver na escola sem que ocorram resistências?

A hipótese levantada é que aceitação sem revolta do controle e do poder estão ancoradas nas técnicas da governamentalidade<sup>4</sup>, sendo estas formas de regular não só o indivíduo, mas também a população. Ademais, a escola, regulamentada pelo Estado, direciona seu foco para a aprendizagem dos conteúdos e das competências, que vão contribuir para a formação do capital humano, formando “espécies de competência-máquina que vão produzir renda, ou melhor, que vão ser remuneradas por renda” (Foucault, 2008, p. 315). Com isso, a escola também passa a homogeneizar os/as estudantes, individualizá-los, principalmente dentro da lógica do empreendedorismo, desse modo, uma articulação que rompa com essa proposta fica mais difícil.

É na intenção de responder a esse questionamento que delimitamos os objetivos dessa pesquisa. Portanto, temos como objetivo geral: analisar a produção de sujeitos com a passagem da escola moderna inserida na sociedade disciplinar, para a sociedade do controle, em um contexto neoliberal com base em obras de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Para tanto, estabelecemos como objetivos específicos: (1) identificar o funcionamento da escola como uma instituição disciplinar; analisada por Foucault, (2) caracterizar a construção dos corpos úteis e dóceis na escola, observando como se dá essa produção na sociedade da disciplina e na sociedade do controle analisada por Deleuze, (3) compreender quais seriam as semelhanças e diferenças do neoliberalismo na sociedade do controle com o modelo da escola moderna na sociedade disciplinar.

Com relação aos aspectos estruturais da escrita, o artigo está dividido da seguinte maneira: marco teórico, metodologia, análise e discussão e por fim as considerações finais.

---

<sup>4</sup> [1] Por esta palavra, entendo, o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma, bem específica, embora muito complexa de poder (Foucault, 1978, p.143).

## 2. MARCO TEÓRICO

Nessa seção, apresentamos no primeiro tópico o conceito de formação humana, em seguida abordaremos a sociedade disciplinar e suas técnicas, posteriormente discorreremos a respeito das tecnologias de governamentalidade e biopoder e por fim traremos a sociedade do controle e suas características.

### 2.1 Formação Humana

Cada sociedade vai constituir seu ideal de formação humana. Com o advento da modernidade, tivemos os mais diversos modelos sendo espalhados por todo o mundo. Para os alemães, o civilizar-se perpassava por um processo interior, devendo ocorrer de dentro para fora, esses ideais deveriam passar por um aprofundamento, de modo que eles criaram todo um novo léxico para pensar seu ideal de civilização (Elias, 1993). Esse léxico compreende: a cultura (*Kultur*), na qual os indivíduos deveriam apropriar-se da cultura produzida através dos livros, das artes etc; a formação humana (*Bildung*), que envolvia essa formação interior em que os indivíduos aprenderiam a controlar seus impulsos humanos por meio da moralidade, dessa forma dispunham de seu próprio autocontrole; e a educação (*Erziehung*), na qual, por intermédio dela, os indivíduos aprenderiam a moralidade e a disciplina, além da importância delas para o convívio em sociedade.

Ingleses e franceses buscavam uma formação que acontecia apenas de maneira exterior, ou seja, não existia uma busca pela autenticidade, mas sim uma reprodução sem racionalidade de tudo que era imposto (Elias, 1993). E isso dificultava a liberdade do pensamento de forma coletiva, que teria como resolução a transformação da sociedade por meio da saída da humanidade da minoridade. Não estando a minoridade ligada à idade do indivíduo, mais a sua capacidade de pensar por si mesmo, sem depender de tutores como destaca (Kant, 1990).

Outro modo de formação humana, que difere daquelas organizadas pelo Estado, é a dos povos originários. Esses vivenciam seus modos de vida de acordo com seus ancestrais, possuindo economia própria. Os guerreiros e conselheiros são preparados e formados a partir da experiência dos mais velhos.

Diante do exposto, podemos perceber que os povos nativos tinham um ideal de formação, porém este era diferente daquele imposto por seus colonizadores, pois estava ligada ao desenvolvimento dos guerreiros, dos chefes, que deveriam ter uma boa oratória, sabendo dar conselhos e buscando ouvir a opinião do coletivo (Clastres, 2004). À vista disso, a formação dos indivíduos deveria ter como princípio o respeito mútuo entre todos, isso fica evidente quando: a aldeia “proclama: sois todos iguais, nenhum de vós vale mais que o outro, nenhum vale menos que o outro, a desigualdade é proibida pois ela é falsa, é ruim” (Clastres, 2004, p. 165).

Podemos perceber que existia um eixo formativo dentro dessas sociedades, no qual os mais velhos ensinavam aos mais jovens as histórias, as tradições do povo e suas crenças. Esse tipo de formação fazia com que a cultura, os costumes e os modos de vida fossem sendo perpetuados de geração para geração. Com o avanço do ideal de civilização trazido pela modernidade, as formações humanas passam a se alterar a partir dos modelos sociais que vão sendo instalados. Dessa forma, o modelo que se impôs foi o europeu.

## **2.2 Sociedade Disciplinar**

As disciplinas já existiam antes da sociedade disciplinar. O filósofo Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir: O Nascimento da prisão* (1987), explora esse conceito. Nesta obra podemos perceber que a modernidade faz uso da disciplina como seu principal dispositivo.

As técnicas disciplinares se expressam através do controle dos comportamentos que contrariam as normas estabelecidas por instituições como: escola, fábrica e exército. Isso ocorre por meio da classificação dos indivíduos, determinação do lugar na fila e controle do tempo. Um exemplo disso é o controle do espaço nas fábricas, onde cada trabalhador tem seu local e as engrenagens ou áreas de trabalho são organizadas de modo que os/as trabalhadores/as pouco consigam conversar uns com os/as outros/as. Além disso, o tempo de descanso deles/as é bem curto, pois descansar para o capital significa diminuição de lucro e este, por sua vez, é dinheiro.

As técnicas utilizadas por essa sociedade trabalham diretamente no corpo

do indivíduo através de um poder que circula em rede. Dentro das instituições, existe uma hierarquia. Dessa maneira, os sujeitos poderiam estar submetidos a esse poder em certos momentos e exercê-lo em outros, pois ele transita entre eles (Foucault, 2005 p. 35). Dito de outro jeito, todos eram operários, porém nomenclaturas como encarregado, chefe de setor, construíam uma hierarquia dentro dos espaços de trabalho.

Essas formas de dominação e controle dos corpos faz-se presente nas mais variadas instituições. Elas utilizam técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que tem sua importância, porque definem um investimento político detalhado do corpo, uma nova “microfísica” do poder, desse modo ele não está mais representado pelo poder absoluto do soberano, ou apenas pelo aparelho do Estado, mas está presente nas mais diversas instituições. O que as diferencia são seus objetivos sociais, dado que as fábricas dão ao indivíduo uma função produtiva; escolas, orfanatos, entre outras instituições, corrigem e adestram (Valerio, 2022).

São instituições que possuem micro-poderes e servem como dispositivos de controle e vigilância (Foucault, 2005), tais como: o poder exercido por um encarregado sobre os operários no trabalho das fábricas e a imposição de uma educação tradicional e rígida pelas instituições de ensino, onde o professor é colocado como o centro e os estudantes assistidos como tábulas rasas. Como afirmado por (Valério, 2022, p.31), “isso quer dizer que a escola moderna não transmite conhecimentos? Não exatamente, ela os transfere, mas na medida em que sirvam a um aprimoramento moral de tipo disciplinar”. Embora esse aprimoramento moral seja parte de um projeto de formação humana que perpassa a escola, percebemos que dentro dessa instituição ela vai dando cada vez mais lugar à construção de um sujeito produtivo (Valerio, 2022).

Por isso, os/as estudantes são vistos como sujeitos que estão ali apenas para receber informações, aprender técnicas, tendo seus corpos completamente vigiados e disciplinados, através de regras, controle de horários, punições, exames e etc. Logo, a escola é uma instituição que mantém o corpo sob total vigilância, seguindo um modelo inspirado no *Panopticon* de Betham, detalhado por (Foucault, 1987), sua estrutura permite a vigilância individualizada dos

corpos, sem os indivíduos saberem que estão sendo vigiados e servindo informações a todo o tempo.

De fato, o ato de vigiar se torna ainda mais minucioso. Por exemplo, os hospitais se transformaram em edifícios pensados e construídos de modo que se pudesse ter uma maior observação dos doentes, permitindo assim um controle dos mesmos. Da mesma forma, nas escolas, tudo é pensado de maneira que a todos os momentos os/as estudantes possam estar sob vigilância. Para (Foucault, 1999), a vigilância transformaria as práticas pedagógicas, tornando-as mais eficazes.

Foucault (1987) demonstra como os modelos de punição anteriores representavam a vingança do rei, enquanto que na sociedade moderna eles inauguram a ideia de ortopedia social. As pessoas não são mais colocadas em lugares escuros ou calabouços, elas são postas em locais que possam ser vigiadas a todo o momento para que seus corpos sejam corrigidos. Dentro dessa lógica podemos dizer que a escola segue esse modelo, ela também faz uma ortopedia social, pois busca adestrar os indivíduos, discipliná-los para extrair deles o saber. Tal saber era utilizado para avaliar as ações do sujeito, para confirmar se ele estava agindo como deveria, conforme a norma (Valerio, 2022, p.32).

### **2.3 Governamentalidade e Biopoder**

O Estado Moderno se utiliza da tecnologia do poder pastoral e o transforma, fazendo uso de duas técnicas de poder. A primeira é a disciplina, que busca regular o corpo dos indivíduos, tornando-os produtivos e colocando-os dentro da normalidade. A segunda é a governamentalidade, uma forma do Estado moderno regular a vida dos sujeitos através de diversas técnicas que influenciam o corpo, a alma e o comportamento (Amos, 2010). Isso é feito por meio da economia política e dos dispositivos de segurança, os quais estão diretamente relacionados ao território, uma vez que na modernidade o Estado foi governamentalizado, passando a utilizar a tecnologia do poder pastoral em toda sociedade.

Esse poder pastoral tem origem no Oriente pré-cristão e está ligado à ideia

de governo dos homens, onde a figura do pastor está relacionada com aquele que foi designado para cuidar do rebanho (Foucault, 2008). Ele precisa garantir a sobrevivência de todas as ovelhas, não permitindo que elas se afastem de sua malhada, “é a ideia de um poder que se exerce mais sobre a multiplicidade, do que sobre um território. [...] É um poder que visa ao mesmo tempo todos e cada um”. (Foucault, 2008, p. 173). Diante disso, com a governamentalidade, o Estado moderno se utiliza da tecnologia do poder pastoral e o transforma em técnica de dominação.

A governamentalidade lança mão das técnicas biopolíticas, nas quais o Estado regula tanto os indivíduos por meio das instituições quanto a população por intermédio dos mais diversos mecanismos. É o que (Foucault, 2008) chama de bio-regulamentação pelo Estado, que visa governar a população de forma globalizadora e quantitativa (Foucault 1982), buscando meios para manter seus corpos aptos para o trabalho, através de duas séries, corpo e população (Foucault, 2005). Esse biopoder é uma tecnologia utilizada pela modernidade para fazer com que a população tenha uma existência mais duradoura. É uma tecnologia centrada na vida, ela busca fazer intervenções na forma como as pessoas vivem, através de mecanismos e processos biológicos.

Esses mecanismos buscam “aumentar a vida, controlar os acidentes, se pensa, em garantir a longevidade das pessoas, pois tudo se transforma em estatísticas e as pessoas precisam viver mais. Diante disso, é preciso pensar na saúde da população, é preciso ‘fazer viver’” (Foucault, 2005, p. 294). Para isso, são criados mecanismos regulamentadores que visam garantir a higiene, a vigilância, a assistência e os seguros de vida, buscando uma maneira de equilibrar a população, suas taxas de nascimento e de morte, ou seja, “o biopoder é uma tecnologia de poder sobre a população” (Foucault, 2005, p. 294), ela busca “regulamentar os processos globais do homem espécie” (Idem).

É interessante considerar a questão do biopoder na modernidade, pois ela se afirma no “fazer viver” da população, é preciso manter esse equilíbrio. Anteriormente, de acordo com (Foucault, 2005), se “fazia morrer e se deixava viver” A morte era o momento de passagem deste mundo para outro, era também a passagem de um soberano para outro, ela era ritualizada. Na

contemporaneidade a morte não é comentada, as pessoas tentam escondê-la, visto que a tecnologia da regulamentação é pensada de modo que se faça viver.

Por isso, a medicina avança a cada dia, as pessoas são incentivadas a praticar exercícios físicos, que garantam sua saúde, aumente sua imunidade e produtividade, a própria cidade e sua organização possuem saneamento, locais de lazer, casas mais estruturadas, para que a qualidade de vida possa melhorar, porém essa não é uma realidade para toda população, existem muitas pessoas que não têm ou acessam restritamente. Foucault (1987), dentro desse domínio de discussão, exemplifica a cidade operária, projetada de maneira que consiga articular-se com os mecanismos disciplinares do corpo, essa cidade é articulada de modo que possa garantir tanto a normalização dos indivíduos, como a regulamentação das pessoas.

#### **2.4 Sociedade do Controle**

O conceito de sociedade do controle foi elaborado por Gilles Deleuze (1992). É uma forma de sociedade que, difere da disciplinar, onde toda vigilância e disciplinamento aconteciam no interior das instituições, agora elas ocorrem no todo social. Nessa sociedade existe uma formação contínua, onde o sujeito não é mais fixo, muito pelo contrário, quanto mais ele puder ser flexível melhor, dado que os espaços de trabalho e a escola, não são mais estabelecidos em um só lugar, eles podem estar em todos. Fábricas e escolas, que antes construíam um indivíduo apto para o trabalho, hoje buscam constituir indivíduos proativos. “Nas sociedades de controle, nunca se termina nada, estamos sempre em processo [...] Somos instigados, sobretudo por essa entidade chamada mercado de trabalho, a estar sempre em formação: acaba-se um curso, começa-se outro” (Valerio, 2022, p.38).

Não existe mais um sujeito fixo, que trabalha na mesma função a vida toda, agora você pode receber um alto salário e depois nem ter mais emprego, precisando muitas vezes realizar uma função que não fazia parte da vida profissional do indivíduo. Existe uma busca pelo trabalhador flexível e que saiba se adaptar em qualquer espaço de trabalho, pois até este está desterritorializado.

O trabalhador não tem mais um número de matrícula e horários fixos, e

agora ele é identificado por cifras controladas pelo mercado através de uma linguagem numérica. Quanto mais se consome, mais informações são fornecidas a um poder que circula entre os nós de uma rede. Dessa forma, é muito mais difícil localizar quem está no comando, as grandes corporações têm inúmeros investidores de modo que, os próprios funcionários não sabem quem está no controle (Deleuze, 1992).

Dessa maneira, somos levados a uma lógica de consumo e endividamento que dá uma falsa sensação de liberdade, porém aprisiona. Nesse contexto social, o controle é contínuo, você está sob vigilância em qualquer espaço. Os sujeitos passam a ser cada vez mais individualistas, aceitam a servidão voluntária sem questionar e tem suas subjetividades capturadas e geridas pelo capital financeiro.

A sujeição funciona a partir do dualismo sujeito/objeto, enquanto a servidão não distingue o organismo e a máquina nem o sujeito e o objeto, tampouco o homem e a técnica. A relação do homem com a técnica é, nos dois casos, radicalmente distinta. Na sujeição, trata-se de uma relação de uso ação. A máquina é ao mesmo tempo um objeto exterior com o qual o homem se relaciona como sujeito “agente” (trabalhador ou usuário) e como um meio entre dois sujeitos. Na servidão, a relação é de “comunicação mútua e interior” entre o humano e a máquina. A sujeição e a servidão, subjetivação e a dessubjetivação nos permitem enriquecer, ampliar e até mesmo modificar o conceito de biopoder de Foucault. O conceito e as práticas de governamentalidade mudam sensivelmente pois, para se exercer, devem se instalar no cruzamento entre a sujeição e a servidão (Lazzarato, 2017, pp.173-174).

Nesse sentido, na relação homem-máquina, ele age sobre ela, podendo trabalhar com ela, utilizando-a. Quando analisamos a relação de sujeição e servidão, percebemos que o sujeito não só serve como gosta de servir. É nesse espaço, entre um e outro, que a governamentalidade vai mudando e o sujeito vai passando a gostar de servir cada vez mais, deixando para isso sua subjetividade de lado.

### **3. METODOLOGIA**

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa que traz uma abordagem epistemológica bastante utilizada no campo da educação, de caráter teórico e bibliográfico, tem como intuito compreender como a escola passa a se organizar

na passagem de uma sociedade disciplinar, para uma sociedade do controle. Dois autores trazem essas discussões a respeito da mudança dos contextos sociais de forma muito aprofundada, mostrando a transição da formação humana na sociedade da disciplina para a sociedade do controle. Por este motivo optamos pelo estudo bibliográfico, dado que ele nos permitirá analisar de modo mais aprofundado as obras de Michel Foucault (1987; 2008) e Gilles Deleuze (1992).

Vale destacar, que a “pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico é importante na produção do conhecimento capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas” (Lima; Miotto, 2007, p. 43). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois seus dados vêm em formato de textos e a partir de documentos. Para analisar os fenômenos em profundidade, sua coleta é feita de forma sistemática.

Definido o perfil de pesquisa, delimitamos como *corpus* de análise: o livro *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, de Foucault (1987). A partir dele, foram empregadas as seguintes categorias de análise: (i) escola e sociedade disciplinar suas técnicas de funcionamento e características. Nela utilizamos Ramos do Ó em sua obra *A Governamentalidade e a História da Escola Moderna* (2009) e Raphael Guazzelli Valerio, a partir da obra *Teoria Biopolítica da Formação Humana* (2022) e do livro *Retratos Foucaultianos da Deficiência e da Ingovernabilidade na escola: Do governo das diferenças a outro paradigma de inclusão*, de Pedro Pagni (2023); (ii) escola e sociedade do controle, seu funcionamento e características; e (iii) as semelhanças e diferenças entre a produção de sujeitos na sociedade da disciplina e neoliberal. Nas duas últimas categorias, fizemos uso do artigo *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, de Gilles Deleuze (1992), da obra *A Nova Razão do Mundo; ensaio sobre a sociedade neoliberal* de Dardot e Laval (2016). A partir dessas obras, realizamos um estudo da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do controle. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o estudo bibliográfico, no qual trabalhamos o material acima mencionado, fazendo seu levantamento a partir de documentos que oferecem elementos suficientes para abordar o nosso problema de pesquisa.

O procedimento de análise utilizado foi a análise de conteúdo, com base em Bardin (1977), pois ela traz três pontos importantes para sua investigação, sendo eles: organização, decodificação e categorização. Num primeiro momento, fizemos a organização dos documentos e dos materiais que vão responder nosso problema de pesquisa, sendo estes o livro de Michel Foucault e o artigo de Gilles Deleuze. Em seguida realizamos a codificação que é a separação dos documentos analisados de materiais que respondam aos nossos objetivos. E por fim a categorização na qual formulamos as categorias de análise das nossas discussões e resultados.

A primeira etapa foi realizar a escolha das obras que iriam ser analisadas na pesquisa para que pudéssemos dar conta de nossos objetivos. A partir daí, construímos nosso *corpus* de análise com base na obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault. Analisamos como o autor demonstra a organização e o funcionamento da sociedade disciplinar, trazendo as diversas instituições que visam disciplinar, docilizar e subjetivar os corpos, além das funções de cada um.

Na segunda etapa, realizamos a leitura do artigo *Post-Scriptum sobre as sociedades do controle* de Gilles Deleuze, para compreender como a sociedade da disciplina vai também se transformando em uma sociedade de controle. Nesse processo, pudemos perceber as mudanças que vão acontecendo, visto que a partir da década de 1970, a disciplina, que antes existia no interior das instituições, vai dando espaço ao controle, que passa a estar em todos os lugares. Fizemos também as leituras de outros materiais como artigos e livros de Valerio (2022), Ramos do Ó (2009), Dardot e Laval (2016) e Pagni (2023), para que pudéssemos aprofundar ainda mais nossas análises.

Ao concluir as duas primeiras etapas de análise das obras, foram feitos fichamentos de cada uma. Em seguida, começamos a análise observando como se dava a produção de sujeitos para cada sociedade analisada e como a escola foi sendo utilizada por cada uma, de modo a oferecer a formação ideal para cada contexto.

Num terceiro momento, após analisar todo o material produzido de acordo com nossas categorias de análise, buscamos perceber se ainda existiam características que permaneceram de uma sociedade para outra. Ou seja, refletir se, mesmo mudando o contexto social, é possível dizer que ainda existem formas de disciplina na escola. Procuramos ver o que se assemelhava e o que havia

mudado, a fim de alcançar todos os objetivos de nosso artigo.

#### **4. ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Nossas análises serão apresentadas da seguinte forma: inicialmente, vamos explicar a escola como uma instituição disciplinar, mostrando seu funcionamento. Em seguida, explicaremos como se dá a produção de corpos disciplinados na escola na sociedade da disciplina. No tópico subsequente, discutiremos como essa produção ocorre na sociedade do controle. Por fim, trazemos um último eixo de análise que vai mostrar as semelhanças e diferenças da escola e de sua formação nas sociedades do controle e disciplinar.

##### **4.1 Escola: o funcionamento de uma instituição disciplinar.**

Tudo no espaço da escola é pensado de forma que se aproveite ao máximo o tempo dos sujeitos nesse local. Nessa perspectiva, essa instituição se aproxima do modelo de gestão da fábrica, sendo pensada e organizada de modo que torne os indivíduos mais produtivos, extraindo de seus corpos o máximo de força de trabalho.

A escola funciona como um dispositivo de

normalização individual dos corpos e de regulação da população, aprimorando a biopolítica, de sorte a disciplinar os ingovernáveis, a corrigir os incorrigíveis e a tornar civilizado o bárbaro, com toda a infinidade e variedade de teorias, técnicas e práticas que se geram, nessa tensão (Pagni, 2023, p. 249).

Existem diversas formas desses dispositivos de controle disciplinarem os indivíduos, moldando e controlando seus corpos. Um deles é a fila, que nas escolas são utilizadas para organizar os/as estudantes. Embora inicialmente pareça ser apenas uma forma de organização, a fila é, na verdade, uma técnica disciplinar. Ela representa um lugar de prestígio para aqueles/as estudantes que seguem as normas impostas, que têm os comportamentos considerados adequados e o lugar da vergonha para aqueles que não se adaptam a esse sistema. O lugar na fila representa muito, pois classifica os/as estudantes, estimula a disputa entre os indivíduos pelos melhores lugares, incentiva a competição e coloca o seu colega como alguém a ser vencido. Nesse contexto, não se pensa no coletivo, mas sim no individual.

O cotidiano escolar engendra uma análise ainda mais ampliada acerca das relações de poder no currículo, consoante (Silva, 2010, p.148) “o currículo não pode ser compreendido sem uma análise das relações de poder nas quais ele está envolvido”. Ou seja, ele não é neutro, mas sim forjado de intencionalidades. O poder não tem mais um único centro, como o Estado. O “poder está espalhado por toda a rede social” (Idem).

Todos os espaços sociais onde existam relações entre sujeitos o poder estará presente, e a escola é um grande exemplo disso. Seu currículo é carregado de relações de poder, desde a organização do seu espaço-tempo até os conteúdos que são fundamentados. Tudo é envolto por uma névoa de poder e, especialmente, pela ideia de que “todo conhecimento depende da significação e este, por sua vez, depende das relações de poder. Não há conhecimento fora desses processos” (Silva, 2010, p. 149). Diante disso, podemos salientar que a escola utiliza técnicas para disciplinar os corpos, sendo ela também um dispositivo de regulação.

O exame é uma prática comum utilizada nas mais diversas instituições, porém na escola ele tem papel fundamental, pois ele é utilizado como elemento que seleciona a entrada de uns, em detrimento de outros, em algumas instituições, nas quais continuarão fazendo uma série de exames que visam medir sua aprendizagem, suas habilidades, aptidões e dificuldades.

O exame na escola é um dispositivo de vigilância, pois otimiza o tempo do professor, e oferece ao docente um material físico que mostra o nível dos estudantes. Conforme observado por (Valerio, 2019, p. 20), “o desenvolvimento da escola possibilitou o aparecimento de um monstruoso sistema de anotações, das aptidões, biografias, capacidades, etc, dos/as escolares”.

Em seguida, esse material é documentado para que se façam as fichas de todos/as os/as alunos/as, a fim de atribuir notas que os/as classificam e os individualizam, pois o exame estimula a competição pelos melhores lugares. Ramos do Ó (2009, p.111), indica que “mais do que em qualquer outra organização social a figura do exame é ritualizada pela escola, num jogo de pergunta/resposta/recompensa que reativa os mecanismos de constituição do saber numa relação específica”. Logo, aqueles/as que se destacam ocupam os

melhores lugares e são colocados/as como exemplo a ser seguido.

A escola na sociedade disciplinar vai fazer uso de diversas instituições para garantir a disciplina do corpo, ela “busca agir sobre os corpos e sobre o que eles fazem, extrai deles tempo e trabalho”, (Foucault, 2005, p. 42). Com o desenvolvimento das sociedades e o processo crescente de industrialização, a instituição de ensino acaba se inspirando no sistema fordista, ou seja, seus processos são associados com os de uma corporação ou fábrica, que recebe os ‘produtos’, analogicamente, o alunado, moldando-os para devolvê-los à sociedade, a fim de que ocupem seus postos no mercado de trabalho. Por isso, pode-se dizer que “a escola é uma instituição disciplinar e, como tal, não apenas transmite conhecimentos – mas, mais importante, ela produz sujeitos” (Valerio, 2019, p. 17).

#### **4.2 Produção dos corpos na escola: sociedade disciplinar**

A instituição escolar, tem como base a disciplina e para que ela seja efetivada é preciso que seu espaço seja organizado de maneira que favoreça a distribuição dos indivíduos, de forma que não exista uma coletividade e sim que cada indivíduo seja uma unidade. São usadas diversas tecnologias para que o corpo seja disciplinado (Foucault,1999). Os indivíduos são colocados em um local como os colégios, para que seus corpos possam ser treinados e moldados para serem úteis. Cada indivíduo tem seu lugar, essa forma de organizar os espaços mantém esses sujeitos sob total observação. Foucault (1999), mostra que a escola se utiliza de técnicas de punição e vigilância para manter a disciplina em seus espaços.

Todas as atividades são controladas e organizadas de forma a evitar desperdícios de tempo, pois para as indústrias isso significa perda de lucro, para a escola ele pode trazer distrações e indisciplinar os corpos. Tudo precisa ser regulado, cada milésimo de segundo deve ser aproveitado de modo útil. Diante disso, o cotidiano escolar é forjado no intuito favorecer um controle cotidiano dos corpos preparando-os para o trabalho nas fábricas.

Dentro da instituição escolar as crianças servem de objetos de estudos para as ciências humanas. Que vão observando, através de seus comportamentos, formas para poder exercer a disciplina sob seus corpos. Os

corpos desviantes precisam ser controlados. “Dessa imensa massa documental resulta a extração de saberes das crianças que serão usadas na sua formação, mais do que isso possibilita a emergência de certas ciências positivas, como a psicologia e a pedagogia” (Valerio, 2019, p.20).

Portanto, podemos compreender que a escola na sociedade disciplinar fez uso da disciplina para tornar os corpos dos estudantes úteis e dóceis preparando-os para o trabalho nas fábricas. Na seção seguinte, compreenderemos como, a partir da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do controle, a escola começou a organizar seus processos de formação.

### **4.3 Produção de sujeitos na escola: sociedade do controle**

Com a transição da sociedade disciplinar para a do controle, como nos mostra Deleuze (1992), uma mudança passa a acontecer após 1970. Os contextos sociais vão se alterando, a tecnologia avançando e o mercado financeiro passa a controlar tudo. Diante desse contexto, Deleuze (1992) percebe, a partir de suas análises, que na sociedade da disciplina existia uma formação que servia de base para o trabalho na fábrica. Sendo assim, o operário era formado pela escola que fazia sua preparação e, por isso, se encarregava do controle do tempo, dos espaços e etc.

Na sociedade do controle estudada por Deleuze (1992) e vivenciada hoje, observamos um controle das subjetividades, as escolas não formam mais o operário que vai ter a fábrica como local de trabalho, mas sim o indivíduo empreendedor de si

mesmo. Com isso, ter competências e habilidades que incentivem sua proatividade e flexibilidade, é seu objetivo, preparando-o para trabalhar nas mais diversas áreas e na falta de trabalho, deve ele/a mesmo criar sua oportunidade, tornando-se um empreendedor. A instituição escolar busca formar o indivíduo-empresa, pessoa responsável por gerir seu tempo, realizando formações constantes que lhe garantam o desenvolvimento de diversas aptidões, além de assumir total responsabilidade sobre seu fracasso ou sucesso (Valerio, 2022).

Percebemos que o neoliberalismo se sustenta pela desigualdade, ele as

produz para poder se manter. Para isso o capital vai fazendo com que as pessoas vivam para trabalhar, vendendo seu capital humano a baixos salários, pois não existe mais o Estado de bem estar social, dado que os trabalhos estão cada vez mais precarizados á exemplo da uberização a partir de aplicativos (*Ifood, 99, uber*) que ofertam trabalhos que não garantem os devidos direitos trabalhistas. As tecnologias de disciplina tão bem elaboradas e espalhadas por todo corpo social fazem com que os corpos sejam úteis, dóceis, obedientes e produtivos. O neoliberalismo é quem governa a sociedade, gerindo as subjetividades dos indivíduos.

A teoria do capital humano na escola pós-moderna, no contexto da sociedade do controle, busca o investimento em si mesmo,

O neoliberalismo não se pergunta mais sobre que tipo de limite dar ao governo político, ao mercado (Adam Smith), aos direitos (John Locke) ou ao cálculo da utilidade (Jeremy Bentham), mas, sim, sobre como fazer do mercado tanto o princípio do governo dos homens como o do governo de si (Dardot; Laval, 2016, p. 31).

Seu foco está no incentivo à competitividade e ao individualismo, que tem como objetivo desenvolver habilidades e competências. Dessa maneira, busca pela formação do indivíduo neoliberal, em consonância com (Dardot; Laval, 2016).

Nas sociedades atuais o controle atua em espaços abertos, ou, em outras palavras, em qualquer lugar. Entretanto, a escola já não é mais o único espaço de aprendizagem. A sociedade do controle, dentro do modelo neoliberal, apresenta outros espaços de aprendizagem, tais como o *homescholling*, o ensino EAD (Educação a distância), além de se aprender também em corporações como bombeiros, polícia, entre outras (Valerio, 2022). Em suma, a educação acontece nos mais diversos espaços sociais, não se limitando apenas às instituições tradicionais.

Um controle não é uma disciplina. Com uma estrada não se enclausuram pessoas, mas, ao fazer estradas, multiplicam-se os meios de controle. Não digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas as pessoas podem trafegar até o infinito e “livremente”, sem a mínima clausura, e serem perfeitamente controladas. Esse é o nosso futuro

(Deleuze, 1992, p. 300).

Nas sociedades do controle estamos em constante processo, nunca se termina nada. A preparação para o mercado de trabalho é um exemplo disso, nunca estamos formados o suficiente, sendo preciso sempre estar fazendo mais formações, às vezes até em outras áreas, para estar preparado para as oportunidades que possam aparecer, dado que o trabalho formal está cada vez mais escasso. Para compreender o modelo de escola que temos hoje, é preciso entender que estamos diante de uma sociedade neoliberal. Nesse contexto, o neoliberalismo busca transformar as escolas em empresas. Isso faz com que,

Dentro desse modelo de escola os professores agora são líderes, motivadores, etc. A direção e a administração têm seu *locus* no paradigma da gestão, são equipes de gestão. Alunos e professores recebem prêmios por metas atingidas, etc. (Valerio, 2022, p.28).

Existe uma lógica de escola que o modelo neoliberal segue, trazendo para a mesma uma nova configuração que é gerenciada pelo fluxo de investimento do capital financeiro, “ A educação escolar consome boa parte das imagens, crenças e sentidos postos em circulação pela mídia, pelas redes virtuais, no presente” (Pagni, 2023, p. 249).

As sociedades do controle modificam a forma como as instituições se organizam, e a escola, infelizmente, não fica fora disso. Nessa lógica, da mesma maneira que a fábrica perdeu sua centralidade e o trabalho está desterritorializado, a escola também. Diante disso, os mais diversos espaços agora educam e vivemos um momento em que “a formação é contínua, o mercado funciona como paradigma dos espaços e das relações. O *marketing* como elemento de controle social” (Valerio, 2022, p.38). É uma sociedade imersa no neoliberalismo que faz com que a escola influencie os estudantes a tornarem-se empreendedores, porém, essa é apenas uma maneira de isentar o Estado de ofertar um bem-estar social para a população e vendo-se como empresas de si, os sujeitos passarão a culpar-se por não conseguir mais espaços sociais ou trabalhos em melhores condições.

Nesse tópico, percebemos a passagem de um contexto social para outro, com isso, fica evidente que o tipo de produção de sujeito vai mudar, pois as mudanças sociais fazem com que as instituições presentes no Estado também

sejam alteradas e passem a atender as necessidades do novo contexto. A partir dessa compreensão, é perceptível o funcionamento da escola na sociedade do controle e como ela precisa ir se adequando às mudanças impostas de maneira que a formação não seja mais de um indivíduo operário, mas sim um indivíduo empresa. A seguir compreenderemos quais semelhanças e diferenças há entre a formação na sociedade disciplinar e na sociedade do controle.

#### **4.4 Semelhanças e Diferenças entre a produção de sujeito na escola em uma sociedade disciplinar e do controle.**

Com a passagem da sociedade disciplinar para a do controle, a escola vai gradualmente abandonando as características organizacionais de uma fábrica que funciona em um determinado território e tem seus espaços fixos e controlados como nos mostra Foucault (1987). Já na sociedade do controle, dentro do contexto neoliberal, as escolas viram empresas, pois o modo de gestão passa a ser o mesmo.

As empresas buscam por profissionais flexíveis que tenham diversas formações em seu currículo nas mais diferentes áreas, as escolas por sua vez, oferecem aos estudantes uma carga horária bem extensa construindo um currículo que abarque as mais diversas disciplinas, como destaca Deleuze (1992). Um exemplo são os chamados itinerários formativos, propostos pelo Novo Ensino Médio no Brasil, que deveria ser ofertado de modo diverso, mas contrariamente a normativa deixa de ser seguida, e estes são ofertados de modo escasso, uma vez que quando muitos estudantes vão procurar, a escola dispõe de um único itinerário.

Outro ponto que merece destaque é que as escolas não oferecem estruturas suficientes para dar conta da quantidade de alunos, muito menos das novas propostas educacionais de escolas integrais que se aplicam cada vez mais, principalmente com a chegada do novo ensino médio. Como observado por (Pagni 2023, p. 248), “na escola neoliberal, os seus múltiplos segmentos foram separados em classes, quando estudantes, classificados em níveis, quando aferidas as habilidades dos professores e diretores para alcançarem *rankings* específicos”. Os resultados obtidos trazem bonificações para a escola

quando as metas são batidas, em provas externas como: SAEBE (Sistema de Avaliação da Educação Básica), SAEPE (Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco), PROVA BRASIL, entre outras.

Na sociedade neoliberal, a escola não é mais um espaço fixo como na sociedade disciplinar. Embora ainda haja controle sobre o tempo e os espaços dentro da instituição, os/as estudantes agora têm a opção de aprender em ambientes diversos. Nesse sentido, alunos, professores e professoras são incentivados a alcançar as competências exigidas pelo currículo. Ademais, os docentes buscam fazer com que os/as estudantes passem a se entender como indivíduos que precisam estar formando-se constantemente, reforçando a ideia de uma formação contínua (Deleuze, 1992).

A escola passa a incentivar a construção de projetos de empresas, passando a ser utilizada pelo neoliberalismo para a formação de capital humano (Pagni, 2023). Existem disciplinas que abordam a temática do empreendedorismo, tudo para fazer com que os/as estudantes se entendam como indivíduos empresas que devem gerenciar sua própria vida, construir seus horários, buscando um futuro no qual ele não precisará trabalhar para ninguém. O que não se fala é que por trás de tudo isso estão trabalhos precarizados, baixas remunerações, perda de direitos trabalhistas e falta de tempo para descansar, pois o horário reservado ao lazer se confunde com o do trabalho.

Analisando o aspecto estrutural, a escola permanece reproduzindo o mesmo padrão entre as sociedades, havendo, contudo, poucas exceções, haja vista que as cadeiras enfileiradas continuam; as hierarquias e classificações destacadas por Foucault (1987) também permanecem; e o individualismo é cada vez mais incentivado, pois em um mercado que visa a competição é preciso despertar a vontade de estar sempre um passo à frente das pessoas que também são formadas por essa escola. Até mesmo as relações sociais vão adquirindo a forma da empresa. É necessário construir e moldar constantemente sua subjetividade, demonstrar flexibilidade e disposição para assumir novos empregos com novos formatos.

Dito isso, é importante enfatizar que o foco não é mais no trabalho, mas na renda, uma vez que ela garante que o indivíduo seja útil e consuma para que

o mercado possa continuar girando e, conseqüentemente, as pessoas se endividam e financeirizam cada vez mais suas vidas. Elas fazem isso buscando a realização dos desejos impostos todos os dias pelo mercado, “é um processo de empreendimento de si, aprendido como um instrumento de sobrevivência e, ao mesmo tempo, propagado como uma promessa de libertação no neoliberalismo” (Pagni, 2023, p. 246).

Outrossim, existe um reforço social que propaga que as formações contínuas faz de você um profissional apto às necessidades do mercado que se atualizam a todo momento. Logo, cabe ao indivíduo se atualizar com essas formações, estando sempre atento às oportunidades que surgem. Elas, por sua vez, trazem problemas emocionais imensos, pois não oferecem a garantia de um trabalho fixo, em consonância com aquilo que você se formou, pois como destaca Pagni:

Essa demanda exige uma educação continuada por toda a vida que, de um lado, evoca um constante empreendimento de si, com base na percepção, pelo sujeito, de suas falhas e da identificação dos déficits a serem corrigidos, em busca de uma perfeição que jamais virá, salvo com a extenuação da máquina corpórea, com o desgaste psíquico – que leva às raias da loucura, como uma patologia social (Pagni, 2023, p. 247).

Dessa maneira, ter uma formação e profissão já não garante muita coisa, dado que existe um grande exército de reserva de profissionais, sendo preciso ter algo mais para o mercado, que vive sob a dinâmica da concorrência. Ele busca “promover qualquer reforma moral ou psicológica necessária ao progresso e a civilização, ela coloca todos numa disputa política sem ética ” (Pagni, 2023, p.247). Isso faz com que as pessoas percam o espírito de coletividade, agindo sempre em prol de si mesmas, vendo o outro como alguém a ser vencido dentro dessa lógica da concorrência, comandada pelos reflexos, (Pagni, 2023). A seguir, traremos as considerações finais e os próximos passos que pretendemos alcançar com essa pesquisa.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa teve como foco compreender como se dá a produção da sujeito na escola moderna, identificando primeiro o funcionamento da escola como uma instituição disciplinar. Diante disso, compreendemos que a disciplina já existia, porém a escola moderna fez dela seu principal dispositivo. No intuito de disciplinar o corpo, as instituições escolares utilizaram em seu funcionamento diversas técnicas, tais como filas, criação de hierarquias com lugares de privilégio para estudantes destaque, classificação das turmas por desempenho e relações de poder marcadas pela centralidade na figura do/a docente, sendo os/as educandos vistos como aqueles que estavam ali para aprender. O tempo e o espaço eram controlados e o exame/provas utilizados como forma de punição.

Num segundo momento, foi feita uma análise da construção desses corpos na sociedade da disciplina e do controle. Na primeira, compreendemos que ela busca construir um corpo útil, obediente, docilizado, capaz de fazer suas atividades no menor tempo possível, preparando o indivíduo para o trabalho nas fábricas. Na segunda, percebemos que o intuito passa a ser o controle total da vida do sujeito. A formação acontece em todos os lugares, os estudantes aprendem a serem proativos, multifacetados, flexíveis, sendo estimulados a se reinventarem a todo tempo. Nessa sociedade vive-se imerso na ideia de uma formação contínua que não acaba nunca.

Em nosso terceiro e último objetivo, percebemos que com a transição de uma sociedade para outra, algumas coisas permaneceram: como a arquitetura das escolas, a disciplina dos corpos que ainda se faz presente, o controle de tempo e do espaço. No entanto, muitas coisas foram acrescentadas. A escola agora não é a única que educa, os sujeitos são formados para serem empresas de si mesmos, o currículo da instituição escolar muda e a ideia de uma constante formação, que proporcione a flexibilidade do indivíduo para o trabalho, é instalada.

As pessoas acabam vivendo para o mercado, aceitando trabalhos precarizados, uma vez que não vislumbram opções de empregos que lhes garantam um bem estar social. Nada é mais garantido, nem mesmo a formação no ensino superior, que vai ficando cada vez mais para segundo plano. Ademais, não existe mais tempo de lazer e de trabalho, ambos se confundem, e a vida passa a ser financeirizada pelo mercado.

A partir dessas análises, conseguimos responder ao nosso problema de pesquisa compreendendo que a aceitação sem revolta do controle e do poder que esses contextos sociais vão colocando está diretamente ligada à questão do Estado e de suas técnicas de governamentalidade. Na sociedade disciplinar, buscava-se a disciplina do corpo que formava um operário útil para o trabalho na fábrica. Já na sociedade do controle, em um contexto neoliberal, forma-se o indivíduo empresa de si mesmo, que busca a super obediência, pois têm sua vida financeirizada e subjetivada, vivendo preso às regras do mercado financeiro.

Com relação a essa temática, esta pesquisa traz avanços significativos ao comparar os dois autores, Michel Foucault e Gilles Deleuze, que estudam sobre o exercício do poder na sociedade da disciplina e na sociedade do controle. Observa-se como esse poder impacta na criação e funcionamento das instituições, assim como a formação do indivíduo que vai sendo alterada de acordo com as mudanças de contexto sociais.

Por fim, essa pesquisa busca trazer mais fôlego para esse debate no campo educacional, incentivando que educadores e educadoras possam pensar e questionar que formação é essa que a escola vem trazendo. Contudo, essa pesquisa não finaliza o assunto e, por isso, para pesquisas futuras, buscaremos nos debruçar sobre o currículo das redes de ensino brasileiras, para compreender como a escola vai lidando com as mudanças da sociedade neoliberal.

## REFERÊNCIAS

- AMOS, Karin. **Governança e governamentalidade**: relação e relevância de dois conceitos científico-sociais proeminentes na educação comparada. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.36, n. especial, p. 023-038, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/tH6GmSLkMdnvDtWV6VDYdTm/?lang=pt&format=pdf#:~:text=O%20termo%20governamentalidade%20%C3%A9%20o,%C3%A7%C3%A3o%20entre%20pedagogia%20e%20pol%C3%ADtica.>> Acesso em: 08 Set. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle**. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DEVECHI, C, TREVISAN, A. **Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência?** Revista Brasileira de Educação. p.148-161. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qG87WzQBP9tQSmC5Y83gXTP/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 18. Out. 2023.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Tradução, JUNG-MANN, Ruy. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Tradução, Tradução, JUNG-MANN, Ruy. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis. Vozes. 1987.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População: Curso no Collège de France (1978)**. São Paulo. Martins Fontes. p. 449-481, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, (Coleção Tópicos).

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT, I. **Resposta à pergunta o que é o Iluminismo?** Tradução Artur Mourão. In: KANT. I. A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: ed. 70. 1990.

LAZZARATO, Maurizio, O governo do homem endividado. São Paulo: N-1, 2017.

LIMA, T. C. S. de., MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**, p. 37–45. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 18. out. 2023.

LOPES, E. C. P. L. ; CAPRIO, M. . As influências do Modelo Neoliberal na Educação. **Política e Gestão Educacional**, v. 05, p. 05-16, 2008.

PAGNI, Pedro Angelo. Infância, arte de governo pedagógica e cuidado de si. **Revista Educação & Realidade**. V.1, n.1. Porto Alegre set/dez, 2010, p.99-124.

PAGNI, Pedro Augusto. **Retratos Foucaultianos da Deficiência e da Ingovernabilidade na escola: Do governo das diferenças a outro paradigma de inclusão**. Marília. Cultura Acadêmica, 2023.

RAMOS do, Ó, J. **A Governamentalidade e a História da Escola Moderna: outras**

conexões investigativas. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.34 n. 2, p. 97-117, mai/ago, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

SOUZA, J. de; KANTORSKI, L. P.; LUIS, M. A. V. Análise Documental e Observação Participante na Pesquisa em Saúde Mental. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S. l.], v. 25, n. 2, 2011. DOI: 10.18471/rbe.v25i2.5252. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/5252>. Acesso em: 18 out. 2023.

VALERIO, R. **A Ciência Pedagógica Como Governo da Infância**. In: BROCANELLI, C.(org) *Pedagogia: práticas e desafios no ensino inicial*. Marília. Poiesis Editora, p. 9-23, 2019.

\_\_\_\_\_. **Teoria Biopolítica da Formação Humana**. Curitiba. Editora UFPR, 2022.